



## **A TV Pública Brasileira e a questão da Sustentabilidade: o caso do Reality Show ECOPRÁTICO da TV Cultura**

Jessica Gonçalves de ANDRADE<sup>1</sup>

Jean Fábio Borba CERQUEIRA<sup>2</sup>

Giovana SCARELI<sup>3</sup>

Universidade Tiradentes (UNIT), Aracaju (SE)

Universidade Federal de Sergipe (UFS), São Cristóvão (SE)

### **RESUMO**

O presente artigo apresenta uma compreensão da inserção das perspectivas da sustentabilidade na programação televisiva veiculada pela TV pública brasileira, empreendendo, particularmente, uma análise do *Reality Show* ECOPRÁTICO (veiculado pela TV Cultura) e de seu discurso para a promoção de uma cultura moldada na perspectiva do Desenvolvimento Sustentável. Desta forma, o principal objetivo é compreender a relação entre o ECOPRÁTICO e a promoção da sustentabilidade, identificando um diagnóstico sobre os temas, as problemáticas e abordagens realizadas em seus episódios, além de verificar os aspectos didático-pedagógicos relacionados ao estímulo de um protagonismo junto aos telespectadores.

**PALAVRAS-CHAVE:** televisão; comunicação ambiental; sustentabilidade; Meio Ambiente; ECOPRÁTICO;

### **1. INTRODUÇÃO**

A consciência da sociedade para os problemas ambientais nos remota ao protagonismo de diversos atores sociais ao longo do século XX. Iniciado com os cientistas na década de 50, apropriado pelos movimentos sociais e pelos governos ao longo dos anos 60 e 70. Desta forma, o desafio da sustentabilidade encontrou na mídia, no final do século passado e ao longo da primeira década deste século, um grande impulso para o enfrentamento dos desafios da sustentabilidade.

---

<sup>1</sup> Pedagoga, mestranda em Educação da Universidade Tiradentes (UNIT), na linha Educação e Comunicação. Bolsista PROCAPS/UNIT.

<sup>2</sup> Mestre em Meio Ambiente, professor assistente do Departamento de Comunicação da Universidade Federal de Sergipe, membro do Laboratório Interdisciplinar de Comunicação Ambiental – LICA

<sup>3</sup> Doutora em Educação pela Unicamp. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Tiradentes – UNIT, na Linha Educação e Comunicação.



Segundo Gomes (2010) a televisão tem-se instituído um verdadeiro preceito social autônomo, o qual consegue empreender intervenções que movimentam discursos e produzem sentido social. É neste sentido que se faz importante realçar a temática relativa ao meio ambiente e, ao mesmo tempo, perceber como esta está sendo retratada no contexto da TV brasileira.

Um panorama histórico bastante relevante é apresentado por Gomes (2010) quando ressalta que a Rede Globo de Televisão foi a pioneira a colocar em sua programação programas relacionados a esta temática. De acordo com a autora, na década de 1970 estreou na programação daquela emissora de televisão o programa *Amaral Netto – O Repórter*. Durante a década de 1980 registram-se o programa *Meio Ambiente Urgente* e a minissérie documental *Nossa Amazônia*, ambos da TV Bandeirantes, e já no final desta década foi ao ar o *Baleia Verde*, primeiro programa que tratava da temática ambiental em uma TV pública, a TV Educativa. Em 1990 a TV Globo deu início aos programas *Globo Ecologia* e *Repórter Eco*, e atualmente o *Cidades & Soluções* da Globo News é o programa que conseguiu ultrapassar as expectativas relativas a esta vertente da televisão.

No entanto, procurando debater assuntos diferenciadas, incluindo a temática ambiental, uma nova ramificação dos programas televisivos vem se destacado os *Reality Shows*. Dentre os *Reality Shows* mais contemporâneos que tratam do meio ambiente pode-se destacar *Vivendo com Ed* e *Um mundo pra chamar de seu*, do canal fechado GNT, o quadro do programa global *Fantástico*, *Mudança Geral* e o *Ecoprático*, da TV Cultura. Neste estudo, analisaremos mais especificamente este último programa.

Assim, o presente artigo almeja compreender a inserção e as perspectivas da sustentabilidade na programação televisiva veiculada pela TV pública brasileira, empreendendo, particularmente, uma análise do *Reality Show* *ECOPRÁTICO* (veiculado pela TV Cultura) e de seu discurso para a promoção de uma cultura moldada na perspectiva do Desenvolvimento Sustentável.

Assim, este estudo caracteriza-se, em nível preliminar e introdutório, como pesquisa de cunho exploratório, tratando-se de um estudo de caráter histórico-documental e bibliográfico cujo plano de análise é concomitantemente descritivo e explicativo e que toma como objeto de estudo o *Reality Show* *ECOPRÁTICO*. Desta forma, o principal objetivo é compreender a relação entre o *ECOPRÁTICO* e a promoção da sustentabilidade, identificando um diagnóstico sobre os temas, as



problemáticas e abordagens realizadas em seus episódios, além de verificar os aspectos didático-pedagógicos relacionados ao estímulo de um protagonismo junto aos telespectadores, uma vez que Berlo (1999) destaca que mídia desponta como um dos principais atores na construção e assimilação de conhecimento. Considerando às próprias características desta pesquisa, não foram empregados tratamentos estatísticos, portanto o procedimento metodológico empregado fora, prioritariamente, de natureza qualitativa.

## 2. E EU COM ISSO? A SUSTENTABILIDADE EM QUESTÃO

Conforme ressalta Cerqueira (2004), a tomada de consciência da sociedade para os variados problemas ambientais revela-se um novo curso de mudança fundamentado em valores globais de desenvolvimentos que contemplem o equilíbrio do meio com o homem. Este novo conceito de desenvolvimento, marcado pelo uso racional dos recursos naturais em harmonia com os aspectos sociais e econômicos, recebe o nome de *Desenvolvimento Sustentável*, uma vez que:

Este desenvolvimento, que não se esgota, mas conserva e realimenta sua fonte de recursos naturais, que não inviabiliza a sociedade, mas promove a repartição justa dos benefícios alcançados, que não é movido apenas por interesses imediatistas, mas sim, baseados no planejamento de sua trajetória, e que por estas razões, é capaz de manter-se no espaço e no tempo<sup>4</sup>. (SARNEY FILHO, 2000, p. 22)

Os conceitos “Desenvolvimento Sustentável” e “Sustentabilidade” adquiriram muita visibilidade ao longo das últimas décadas. Segundo Scotto (2007), o conceito de Desenvolvimento Sustentável é formulado nos anos 80, no documento “*Nosso Futuro Comum*”. A definição apresentada é de um “desenvolvimento capaz de garantir as necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras atenderem também as suas” (COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO – CMMAD, 1988, p. 9). Convém ressaltar que esta definição é na verdade uma ampliação da proposta de Ecodesenvolvimento apresentada por Ignacy Sachs, em 1974.

---

<sup>4</sup> Ver Agenda 21 Brasileira – Bases para discussão. Prefácio de José Sarney Filho. Brasília 2000.



Cerqueira (2004) sinaliza ainda para o fato de que este conceito de desenvolvimento apareceu, até então, como alternativa viável de soluções para problemas de caráter estrutural que há tempo não tinham perspectiva de evolução. Por isso, exige a total legitimação e participação da sociedade, de forma a objetivar interesses comuns e não particulares.

Passados mais de vinte anos desde a publicação deste conceito devemos levar em consideração sua grande notoriedade nos mais diversos meios, para os mais diversos fins, não só científicos, mas especialmente nos discursos de cunho político, midiático e educacional. Apesar das diferentes concepções, evidencia-se uma unanimidade que parece ter se criado em torno da necessidade de propostas favoráveis à sustentabilidade.

Neste sentido, Scotto (2007) ressalta que a forte presença deste conceito no campo discursivo atual não significa um consenso sobre seu significado. Neste mesmo sentido, Costa Lima (citado por CAMARGO, 2007) salienta que apesar de sua forte penetração social, o que sobressai no termo “desenvolvimento sustentável” é o seu caráter ambíguo e polêmico, o que atrai múltiplas interpretações e consensos que, muitas vezes, são apenas pontuais.

Por conseguinte, o autor citado anteriormente ainda enfatiza que mesmo que todos pareçam concordar com a avaliação de uma crise ambiental e social a ser encarada com urgência e também com o diagnóstico de que o estilo de desenvolvimento atual é “insustentável”, a necessidade de identificação sobre as causas do problema, assim como as soluções e estratégias propostas são bastante diferenciadas.

Leff (2006) apresenta uma postura bastante coerente ao sinalizar que a crise ambiental pode ser interpretada a partir de uma diversidade de perspectivas ideológicas. Ela é percebida como resultado da coação exercida pelo crescimento da população sobre os limitados recursos do planeta, mas também é interpretada como o efeito da acumulação de capital e da maximização da taxa de lucro em curto prazo. Na concepção do autor, o conflito ambiental concebeu mudanças globais em sistemas socioambientais que afetam as condições de sustentabilidade do planeta, propondo a necessidade de tornarem comuns as bases ecológicas e os princípios jurídicos e sociais para a gestão democrática dos recursos naturais.

É deste contexto, que, à luz da percepção da crise ecológica, configurou-se uma nova visão do desenvolvimento humano, que busca restabelecer os valores e potenciais da natureza. Assim, o meio ambiente manifesta-se como um saber reintegrador da



diversidade com novos valores éticos e, incumbido de potenciais sinérgicos desenvolvidos pela articulação de processos culturais, ecológicos e tecnológicos (LEFF, 2006).

De forma mais categórica, o autor considera que o princípio de sustentabilidade surge como uma resposta ao rompimento da razão modernizadora, a fim de condicionar a construção de uma nova racionalidade produtiva, estabelecida em um potencial ecológico com novos sentidos de civilização diante da diversidade cultural do gênero humano.

Devemos levar em consideração que estas idéias não se voltam para a conservação intocável da natureza, mas a manifestação de que é necessário atuar no nosso dia-a-dia, em prol do que deve ser desenvolvido e de como ser sustentável. Trata-se da reapropriação da natureza por um processo de socialização a partir do manejo comunitário dos recursos, fundado nos princípios da sustentabilidade.

Sachs (2006) não diferencia desenvolvimento sustentável de ecodesenvolvimento. O autor formulou uma série de princípios que norteiam a sustentabilidade: a satisfação das necessidades básicas, a solidariedade com as gerações futuras, a participação das populações envolvidas, a preservação dos recursos naturais e do meio ambiente em geral, a elaboração de um sistema socialmente justo, a articulação de programas de educação, de um olhar qualitativo sobre o crescimento são as orientações gerais para esta modalidade de desenvolvimento.

Trata-se, portanto, de uma proposta ampla e sistêmica acerca da sociedade, do desenvolvimento e da natureza. É neste sentido que Sachs (2006) considera Desenvolvimento Sustentável como uma doutrina, ideologia, um valor e uma ética, pois reside na administração do presente com uma perspectiva do futuro dos outros. Suas contribuições vão além, pois o autor formulou uma série de reflexões acerca das dimensões a serem internalizadas na concepção da sustentabilidade, salientando a contemplação das esferas social, econômica, ecológica, espacial e cultural.

Nesta perspectiva, torna-se pertinente localizar o interesse da mídia pelas questões ambientais. A existência de veículos especializados, audiovisuais, impressos ou eletrônicos, atualmente dedicados ao tema, porém isso ainda não significa a consolidação de uma tradição. A Conferência Rio-92 marca, segundo Camargo (2007), um divisor de águas, impulsionando a relação e a consciência ambiental na maioria dos países, principalmente a partir do desenho da chamada Agenda 21, contemplando metas



e diretrizes para a sustentabilidade. Contudo, ainda segunda a autora, este documento deixou algumas lacunas, e a que mais chama a atenção é a não abrangência da influência dos meios de comunicação bem como suas responsabilidades a respeito dos assuntos discutidos.

Devemos atentar que a mídia com o seu poder de persuasão e formação de opinião, compreendida sem dúvida como o quarto poder, não poderia ficar excluída de uma discussão de tamanha importância. Destaca-se que o discurso acerca do Desenvolvimento Sustentável, antes apenas considerado nas esferas políticas e governamentais, torna-se cada vez mais amplo e adentra em todas as outras esferas da sociedade, especialmente na mídia.

Conforme sinaliza Sodré (2001) a mídia, diferentemente dos outros tipos de poder, é um meio técnico com atributos inovadores, isso se dá devido ao fato desta possuir a possibilidade de preservação das formas simbólicas<sup>5</sup>, mediante o armazenamento de informações, podendo multiplicá-las por meio de reproduções, possibilitando assim, um distanciamento espaço-temporal entre o produtor e o receptor da informação em novos contextos, tornando as emissoras capazes de impactar e influenciar no curso dos acontecimentos.

É neste contexto que se faz importante estudar seu papel na influência da construção da Sustentabilidade. Neste sentido, o presente artigo privilegia um enfoque suscetível de discussão, voltando-se para uma análise do *reality show* ECOPRÁTICO, da TV Cultura, procurando compreender a amplitude de sua proposta de sustentabilidade, seus mecanismos e recursos potencializadores de uma postura moldada em prol da sustentabilidade.

### **3. E A TV? ONDE ENTRA?**

Ao realizar análises sobre a televisão torna-se imprescindível repensar a função passiva, pensada outrora sobre o telespectador diante desta. Segundo Machado (2000) é complexo transformar nossos pensamentos a respeito do papel da televisão, uma vez que se perpetuou durante um grande período uma imagem empobrecedora do que seria a televisão, tinha-se a idéia desta ser um simples entretenimento.

---

<sup>5</sup> Sobre formas simbólicas ver THOMPSON, John B. A mídia e a modernidade. Rio de Janeiro: Editora Vozes 1995.



Não obstante, Elliott (1986) alega que a televisão é componente basilar da edificação da nossa identidade. Assim, percebe-se que a televisão possui um papel cultural e educacional. Na opinião deste autor, os diversos assuntos, opiniões e princípios que o meio televisivo nos oferece nos induzem ao levantamento de uma discussão social, a fim de contribuir para a disseminação e aprimoramento da nossa idealização mediante tais questões. Desta maneira, o autor evidencia que parte dos nossos conhecimentos, da nossa concepção crítica e do nosso posicionamento, tem grande chance de se influenciados e estabelecidos a partir do meio televisivo.

A televisão oferece o que o espectador que ver, mas isto é uma via de mão dupla, pois aquela necessita da audiência provocada por estes. Portanto, é imprescindível que o telespectador tenha uma postura questionadora e ativa frente à televisão. Desta forma, a televisão que enfatiza em sua programação programas culturais e educativos, excita o telespectador a formular questionamentos em favor do conhecimento, tendo uma atitude diante dos temas apresentados pela televisão, o que, por sua vez o auxiliariam a instituir sua identidade.

#### **4. E TUDO FICA... ECOPRÁTICO**

Conforme citado anteriormente, apesar da ausência de consenso, o Desenvolvimento Sustentável apareceu no centro de debates e discursos dos mais variados atores sociais, os quais buscam legitimar suas ações e posturas. Tais debates permeiam a mídia em geral, e, mais especificamente, no campo da produção audiovisual a sustentabilidade ganhou terreno fértil.

Mesmo se apresentando de forma um tanto parcial e por vezes reducionista, podemos citar algumas empreitadas de discussão desta temática no meio audiovisual. No âmbito do gênero documentário, o título *Uma Verdade Inconveniente*, lançado em 2006, teve bastante repercussão ao alertar para a questão do aquecimento global. No cinema hollywoodiano, apesar do predomínio do tom catastrófico, vários foram os lançamentos relacionados a questões ambientais, a exemplo do aclamado *Avatar* de James Cameron, lançado em 2009. O cinema de animação por sua vez, encontrou em *A Era do Gelo* (2002), uma abordagem também acerca do aquecimento global, contudo, contemplando um público situado no segmento infanto-juvenil.



No entanto, é na televisão que tais produções encontram maior visibilidade. Este meio se destaca pela potencialização dos discursos mediante a veiculação para um grande número de telespectadores. Contudo, é importante considerar que a orientação mercadológica presente e necessária às redes privadas de radiodifusão parecem comprometer sua atuação em uma vertente educativa e informacional do conteúdo apresentado. Assim, estas abordagens de estímulo à conscientização de uma prática cultural moldada neste conceito de desenvolvimento (Ecodesenvolvimento ou Desenvolvimento Sustentável) parecem encontrar na rede pública de radiodifusão brasileira uma opção mais viável.

Inserida neste cenário, o presente artigo se propôs a estudar o primeiro *reality show* da TV Cultura, o ECOPRÁTICO<sup>6</sup>, o qual surge como uma iniciativa bastante inovadora em uma televisão pública que põe em relevo a questão do protagonismo social para uma efetiva promoção da sustentabilidade. O programa, plenamente centrado na temática em questão, estreou em abril de 2009 e, abordando, em cada um de seus episódios uma família diferente, mas localizada na região metropolitana da cidade de São Paulo, analisando seus hábitos e costumes a partir da ótica de especialistas em sustentabilidade.

Ao todo foram veiculados doze episódios, sendo dez deles destinados à apresentação das famílias e outros dois programas em formatos especiais. De acordo com o site do programa, as casas contempladas vão desde residência em condomínio fechado no bairro nobre do Morumbi, à família de baixa renda situada em Embu das Artes ou no Copan.

O site oficial do programa sinalizava ainda que para selecionar as primeiras dez casas que participariam da primeira temporada do ECOPRÁTICO, fora analisado um total de oitenta pela produção do programa. Contudo, ressalta ainda que almejava uma heterogeneidade entre as casas, em que as famílias trouxessem histórias de vida diferentes, o que tornaria o programa muito mais real e natural para os telespectadores.

Desta forma, após compreender e detectar os principais problemas relativos à (in)sustentabilidade nas práticas das famílias contempladas, a proposta do programa visava proporcionar mudanças comportamentais nos participantes, orientadas pelas chamadas eco-práticas para a casa e a família.

---

<sup>6</sup> Ver mais em: [www.ecopratico.com.br](http://www.ecopratico.com.br)



De forma objetiva, o programa salienta que procura apresentar soluções comportamentais simples que gerem economia de recursos naturais, de energia, de dinheiro etc. Para isso, o programa utiliza dez "eco-critérios" que são estudados e otimizados nas casas visitadas. São eles: Energia, Água, Alimentação, Resíduos, Estrutura, Ecossistema, Transporte, Bem-Estar, Consumo e Atitude. Percebe-se, portanto, uma ampla sintonia com os pilares propostos por Sachs (2006).

No que concerne à sua dinâmica, o programa é conduzido por dois apresentadores os quais atuam de forma descontraída e jovial. São eles Anelis Assumpção e Peri Pane, e conta com a participação de Maria Zulmira de Souza, jornalista especialista em questões ambientais, no quadro denominado de “Zuzu Responde...”. Assim, o programa faz as intervenções nas casas e os apresentadores retornam a estas após quinze dias, para constatar se as modificações feitas foram bem recebidas pelos moradores, e se estes realmente incorporaram alguns destes hábitos em seus cotidianos.

## **5. UM OLHAR SOBRE AS ECO-PROPOSTAS ESTABELECIDAS PELO PROGRAMA**

Como mencionado, o ECOPRÁTICO realizou seus episódios em dez casas, contudo, aqui neste trabalho contemplamos, aleatoriamente, seis destes a fim de analisar a questão da sustentabilidade abrigada nos assuntos abordados nestes episódios a partir das interferências promovidas nas atuações do programa junto às famílias.

O episódio de estréia do ECOPRÁTICO foi protagonizado pela família Lyrio. Composta por seis pessoas, e motivados pelo programa, a família se deu conta de que um dos principais problemas da casa era a incompatibilidade dos horários das refeições, o que gerava um constante reaquecimento da comida, que por sua vez estragava muito mais rápido. Neste contexto, o programa revela que surgiu uma dúvida naquela casa: qual seria o eletrodoméstico mais adequado para esquentar a comida? O fogão ou o “microondas”? Além disto, esta família demonstrou que também tinha o hábito de tomar banhos quentes e bastante demorados, prática responsável pelo elevado consumo de energia elétrica. A seleção dos lixos e sua reciclagem, também foi um tema muito abordado nesta casa.



Ao analisar acerca da intervenção necessária, o programa mudou a descarga do banheiro para um modelo de vaso com descarga dupla. Além disto, reciclou tubos de pastas de dentes e transformando-os em prateleiras no banheiro. Conforme revelando pelo ECOPRÁTICO, a proposta era de criar um espaço de meditação. Convém ressaltar que neste episódio o quatinho da bagunça foi extinto e para complementar este aspecto de limpeza, na parte externa da casa foi aplicada uma tinta à base de terra com o intuito de pintá-la. Também, foi criada uma talha para o aproveitamento da água da chuva. Ao final, a família Lyrio fora contempla com um enfoque sócio-cultural. A sustentabilidade neste caso relacionou soluções de racionalização de recursos, água, energia e dinheiro, com a promoção de um ambiente mais acolhedor e humano para os moradores.

Residindo no Morumbi e composta pela mãe e dois adolescentes, a família Ferreira nunca havia se dado conta da quantidade de eletrodomésticos que havia em sua casa, assim o programa estimulou a análise da elevada energia consumida pelos aparelhos eletrônicos. Desta maneira, o programa alertou para a racionalização o uso destes, sugerindo o desligamento de aparelhos que não estivessem em uso. Outra intervenção do programa fora no sentido do minimizar o consumismo, uma vez que a família compra desordenadamente e não sabe o que fazer com o excesso de sacolas adquiridas nestas compras. A racionalização das sacolas plásticas assim como a criação de uma horta foram recursos encontrados para os pequenos problemas apresentados por esta família de alta renda.

O chefe da família Semer desalinhou sua esposa em se tratando de alimentação. Com as ações do programa, eles perceberam que “você é o que você come”, e que é importante identificar a procedência dos alimentos. Neste sentido, foram feitas oficinas de uso de alimentos frescos na culinária, portanto, a horta foi uma solução encontrada para este problema, além disto, para melhorar a socialização do casal com suas visitas, foi implantada uma cozinha americana. Outro ponto a ser destacada é que nesta casa, ao chover, a água permanecia acumulada. Neste contexto, o programa substituiu o piso por outro permeável, assim como iluminou o ambiente com um teto transparente para aproveitar a iluminação natural. A coleta seletiva fora enfatizada, assim como a reciclagem do lixo. Neste episódio a sustentabilidade contemplou a racionalização de recursos, aspectos culturais referentes à alimentação e a questão do bem-estar.

A “família” Musa, composta apenas por uma pessoa, residia no Copan, um dos maiores edifícios de São Paulo. No seu apartamento, foram detectadas muitas



infiltrações e vazamentos, além do piso de taco estar solto. Estes problemas foram logo solucionados, assim como uma higienização das paredes com nova pintura para transparecer limpeza no ambiente. Fora evidenciado que o edifício já adota algumas posturas coerentes, possuía coleta seletiva de lixo e seu elevador pára de dois em dois andares, os quais possuem rampas intercaladas. Outro aspecto interessante destacado pelo ECOPRÁTICO, é que o Sr. Musa não usa carro, apenas transporte público. Neste episódio a sustentabilidade privilegiou a manutenção do bem-estar do morador, mas empreendeu ações para minimizar o descarte de resíduos.

Não obstante, a casa da família Ribas, também apresentava infiltração devido às telhas antigas que a casa possuía o que tornava a casa quente e abafada. Assim, o programa propôs substituir o telhado por outro de barro, o que faria que a casa fosse mais fresca. Um aquecedor solar também fora colocado nesta casa, com a finalidade de economizar energia elétrica. Uma horta também fora construída, assim como as ações da coleta seletiva e da reciclagem foram estimuladas. Mais uma vez, percebemos que as propostas relacionam aspectos sócio-culturais com a racionalização dos recursos naturais.

A família Reis da Silva, composta por três pessoas, possuía a casa mais humilde das analisadas. Muita infiltração devido à falta de acabamento, vazamentos diversos, e eletrodomésticos são agravantes da situação ecológica desta família. Todavia, o ECOPRÁTICO fez um pequeno reparo na casa, doou novos eletrodomésticos, implantou uma cisterna para colher água, lâmpadas econômicas e de garrafa pet, aplicou piso permeável, aquecedor solar e uma horta. Estas mudanças adotadas pelo programa contribuíram para o bem estar desta família. Contudo, apesar desta problemática, a família demonstrou que já adotara hábitos bastante particulares: o uso constante da bicicleta e a coleta seletiva, que já era realizada antes do programa. Na verdade, esta prática é responsável pela arrecadação de dinheiro para viabilizar o uso da internet na associação comunitária.

Diante do exposto, podemos observar que a maioria das intervenções que o programa identificou em cada família, diz respeito a questões mais gerais como coleta seletiva, reciclagem, horta viva, reaproveitamento de água da chuva, economia de energia e água. Já, os assuntos mais específicos como a grande quantidade de eletrodomésticos e o consumismo da família mais abastada das analisadas – a Ferreira – e o uso da internet por associação comunitária e os eletrodomésticos antigos da família



Reis Silva, nos alertam que cada família tem entraves sustentáveis relativos ao seu poder aquisitivo e ao seu contexto particular. Conforme ressalta Sachs (2006) cada eco região demanda suas próprias eco soluções.

Percebe-se desta forma que a heterogeneidade das famílias contempladas foi um fator primordial para que os telespectadores compreendam que as mudanças podem acontecer também na sua casa, por mais diferente e distante que esta esteja das representadas no programa. Constata-se, portanto, que a ação do programa nas famílias contempladas condiz com a proposta apresentada pelo programa em seu discurso.

Conforme ressalta Gomes (2010), programas como estes trazem para si uma proposição própria de um universo midiático, que o encaminha para além dos apresentadores ou mesmo do próprio programa. Assim, conscientizar ou “melhorar” a vida das pessoas do ponto de vista ecológico é possível através da televisão. No caso do ECOPRÁTICO, o princípio do programa é levantar os problemas ambientais das casas, discuti-los abertamente com os moradores e reorganizar o que for possível.

Ainda de acordo com a autora citada o programa traz singularidades que o ressaltam no contexto da produção televisiva sobre meio ambiente. Isso se deve não somente ao fato de ser o primeiro *reality show* de uma TV pública nacional, mas ao fato de a TV Cultura historicamente se destinar a contemplar a questão ambiental. Apesar de o ECOPRÁTICO fazer uso de uma antiga temática mediante um formato discursivo profundamente identificado com a televisão comercial, que é o *reality show*, seu desafio, portanto, é utilizar-se deste padrão discursivo para tentar propor o que Gomes (2010) denomina de *ethos* ambiental, isto é, outra forma de enxergar a sociedade, as relações sociais e a si próprio.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Indubitavelmente, podemos compreender que o *reality show* da TV Cultura ECOPRÁTICO é um programa bem sucedido, mesmo em se tratando de um assunto que não é novidade para o público. Conforme mencionado anteriormente, vários programas televisivos trataram e ainda tratam desta temática, porém o programa em questão trás uma abordagem bastante atual, inovadora e de qualidade.

O programa assegura a exibição de elementos e valores importantes, em um formato repleto de credibilidade, seriedade e profissionalismo. Ao mesmo tempo em



que, cumpre a função de publicação dos temas ecológicos, mediante condução de registros *in loco*, o programa notifica o telespectador a respeito das atuações que podem ser realizadas para melhorar as condições de vida da sociedade brasileira.

Nota-se, apenas a necessidade de acompanhamento das casas nas quais foram realizadas as intervenções, uma vez que estas famílias poderiam servir de multiplicadoras da idéia “ecoprática” provocada pelo programa. É preciso perceber ainda se as ações do programa estão sendo praticadas de fato por estas famílias e se há necessidade de ajustes e novas sugestões. Desta maneira, torna-se importante que a segunda temporada do *reality show* perceba estes fatores e os contemplem.

Em linhas gerais, as questões, devidamente ponderadas, nos levam a crer que a preferência em debater sustentabilidade e meio ambiente tomando por base a vida privada, suscita questões de indubitável importância a serem pensadas. Neste sentido, observamos como o ECOPRÁTICO se posiciona com relação à sustentabilidade, assim como qual é a sua postura didático-pedagógica ao abordar uma temática de tamanha relevância social.

Contudo, o tema relativo ao desenvolvimento sustentável e meio ambiente é uma discussão que está apenas iniciando, a qual se encontra acessível a suscitar novas idéias para a promoção da cidadania. Quanto aos aspectos didático-pedagógicos dos episódios, percebemos que estes se encontram associados à prática e aos objetivos da educação informal, particularmente daquelas que ocorrem através dos produtos midiáticos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERLO, David K. **O Processo da Comunicação**: Introdução à Teoria e à Prática. São Paulo: Martins Fontes, 1999
- CAMARGO, Ana Luiza de Brasil. **Desenvolvimento Sustentável**: dimensões e desafios. Campinas, São Paulo: Papyrus 2007, 3º edição.
- CERQUEIRA, Jean Fábio Borba. **O Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar – PRONAF e o desenvolvimento sustentável : o caso do município de Propriá-SE / Jean Fábio Borba Cerqueira ; orientação do Professor Doutor Ricardo Lacerda Oliveira de Melo. – São Cristovão (SE), 2004. (Dissertação de Mestrado)**
- ELLIOTT, Deni. **Jornalismo versus privacidade**. Rio de Janeiro: Nórdica, 1986.



- 
- GOMES, Ana Ângela Farias. PEREIRA, Claudio Luiz. *O meio ambiente no meio ambiente da TV brasileira: percursos histórico-discursivos*. XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – INTERCOM 2010. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2010/resumos/R23-0991-1.pdf>
- LEFF, Enrique. **Racionalidade Ambiental: a reciprocidade social da natureza**. Tradução Luis Carlos Cabral. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- MACHADO, Arlindo. **O processo de recepção e as novas tecnologias de comunicação**. Novos olhares: revista de estudos sobre práticas de recepção a produtos midiáticos, São Paulo, v. 5, n. 5, p. 22-30, 2000. Entrevista.
- PORTILHO, Fátima. **Sustentabilidade Ambiental: consumo e cidadania**. São Paulo: Cortez, 2005
- SACHS, Ignacy. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. Coleção Idéias Sustentáveis. Ed. Garamond, 2006.
- SCOTTO, Gabriela. CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. GUIMARÃES, Leonardo Belinaso. **Desenvolvimento Sustentável**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- SODRÉ, M. **Reinventando a Cultura: a comunicação e seus produtos**. Petrópolis: Editora Vozes, 4ª Edição, 2001.